

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho.

O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 04 – Mercados laborales y sexualidades disidentes

**O desejo do outro como mercado: um estudo sobre trabalho numa casa de swing em
Pernambuco**

Géssika Cecília Carvalho da Silva.

Professora substituta da Universidade Estadual da Paraíba. Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba.

Edson Peixoto de Vasconcellos Neto.

Professor Efetivo da Universidade Estadual da Paraíba, Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba.

O desejo do outro como mercado: um estudo sobre trabalho numa casa de swing em Pernambuco

Este trabalho mostra as relações de trabalho em uma casa de swing. Da mesma forma que a auto-realização e o trabalho se articulam a processos subjetivos e à formação do caráter do homem, identifica-se de que formas isso está implicado quando se fala sobre o trabalho em estabelecimentos que envolvem sexo. Como pensar as sexualidades dissidentes e o seu papel na formação das subjetividades e a sua vinculação ao trabalho nas relações contemporâneas, pensando na interação e no envolvimento entre aspectos como o mundo do trabalho, dos interesses e dos desejos? Verificou-se envolvimento dos que fazem parte do *staff* do estabelecimento, que trazem o sentido de estarem inseridos no trabalho daquela casa e o nível de envolvimento que cada um possui com o seu trabalho. Para muitos um desejo, para outros uma fantasia e fetiche. Para os que trabalham com o swing, um pouco de tudo isso junto.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o mercado de trabalho vem passando por expressivas transformações, que são acompanhadas por mudanças em outros aspectos da realidade social. Temos observado o crescimento do setor de comércio, o desemprego aumentando, a informalidade nas relações trabalhistas, a expansão do trabalho autônomo, entre outras, que demandam a recorrência a estratégias de sobrevivência, tratando o trabalho como opção racional ou como necessidade. Nesse contexto do trabalho como um dos meios de satisfação das necessidades do indivíduo, do surgimento de novas necessidades com as mudanças provenientes da globalização nos processos de sociabilidade, construção de identidade e vinculação (ou desvinculação), manifestou-se o interesse desse trabalho: verificar os processos de sociabilidade nas relações de trabalho em uma casa de swing em Pernambuco, que trata o desejo do outro como oportunidade de mercado, ao mesmo tempo que expande a interação e possibilita a formação de redes do sexo.

Para contextualizar esse trabalho é necessário esclarecer o que é swing. Swing seria a prática de relações sexuais entre casais, onde há a troca de parceiros(as) e o contato com experiências relativas a esse contexto. Com “outras experiências” se quer dizer todo o tipo de atividade da sexualidade que pode ser conferida levando em conta os parâmetros estabelecidos pelo casal. Desde a troca de parceiros, a relação entre pessoas do mesmo sexo, a relação com mais de um homem, ou com mais de uma mulher, ou mesmo a prática do *voyerismo* ou do sexo no mesmo ambiente, sem troca de parceiros.

O swing, por excelência, se coloca com uma prática dissidente. Dissidência tem a ver com estigma no swing. Colocar o swing à margem significa observá-lo como uma prática não só considerada anormal, mas também relacionada a estigmas muito conhecidos socialmente. Estigmas que conjugam as perversões sexuais enquanto uma fuga da normalidade. Sexo dissidente é o que foge dessa lógica: heterocentrada, medicalizada, legalmente controlada e cientificamente cartografada.

OBJETO DE ESTUDO E OBJETIVOS

Como objeto de estudo, verificamos os processos de sociabilidade nas relações de trabalho numa casa de swing, vendo nesta uma possibilidade de realização de desejos e fantasias, portanto mercado sexual, com o diferencial do não pagamento pelo sexo, mas no pagamento para o acesso a um ambiente que propicia a interação entre casais (e por vezes desacompanhados também) e como consequência a satisfação sexual.

As casas funcionam semanalmente, de quinta a sábado, geralmente no turno da noite. Recebem um público variado entre casais, homens e mulheres solteiros. A depender do dia, as casas se abrem dedicadas a um público específico, tudo depende do dia, se a festa terá um tema que se restringe a um determinado público. Essas questões irão definir se a casa abrirá para casais, ou para casais e mulheres solteiras, ou mesmo para mulheres, homens e casais como um todo. Os preços para acesso à casa também variam; homens, mulheres e casais pagam entradas com valores e bonificações diferentes entre si. Os valores variam dependendo do horário e do dia, ainda pode ser revertido em consumação, bem como em entradas extras para os outros dias, especialmente o sábado, dia da semana no qual as casas de swing têm um fluxo de presença e participação do público maior.

Sendo assim, temos como objetivos discutir a relação entre o trabalho e funcionamento de uma casa de swing, na perspectiva da formação de um novo mercado de trabalho para sexualidades consideradas dissidentes - que fogem ao estereótipo do comum e do permitido - gerando emprego e renda, transformando o desejo do outro em mercado.

METODOLOGIA

Para fins deste trabalho optou-se pela revisão bibliográfica sobre o tema; realização de observações numa casa de swing no estado de Pernambuco, através do critério de acessibilidade. As observações ocorreram em dias diferentes da semana (a casa funciona de quinta a domingo), em festas distintas e com públicos diferenciados (existem dias em que só é permitida a entrada de casais, outros casais e mulheres desacompanhadas, em outros casais e homens desacompanhados). Além da observação, foram realizadas entrevistas abertas, com roteiro semi-estruturado com a proprietária da casa e com o *promoter*.

RESULTADOS

Na região Nordeste existe um número reduzido de casas, clubes e outros tipos de estabelecimento dedicados à prática do swing. A quantidade varia muito. Estados que possuem, formalmente, até dois, três estabelecimentos “swingers”, enquanto outros que não possuem nenhum. É o caso da Paraíba, por exemplo, que não tem registro de nenhum

tipo de casa dedicada a tal prática. Por outro lado, o estado vizinho, Pernambuco, registra um número de três casas de swing.

Para fins deste trabalho optou-se pela utilização do conceito de trabalho em Marx, como capacidade de produção do necessário para a sobrevivência, como inerente ao ser humano e como forma de satisfação e auto-afirmação desse sujeito. Por esse viés, pode-se observar que os sujeitos pesquisados atrelam a identificação com a atividade e o prazer de realizá-la, porém de formas diferenciadas: a proprietária do estabelecimento – casa de swing – relata que nunca praticou nenhuma forma de swing; já o *promoter* não somente é praticante de swing como sua esposa também trabalha na casa com a venda de produtos eróticos (*sex shop*).

Marx ainda aponta o trabalho como condição para a existência social e como atividade social, engendrando a vida social e sendo determinado por ela; logo, no caso estudado, dá-se um trabalho de formação de redes de casais praticantes de swing através dos contatos estabelecidos dentro da casa e fora da mesma, ultrapassando os limites geográficos do estabelecimento.

Ainda em Marx temos uma dimensão positiva do trabalho: num primeiro momento essa atividade humana serve para produção dos meios de sua subsistência, depois para a satisfação de novas necessidades surgidas no ato primeiro, sendo necessário para que isso aconteça o estabelecimento de relações com outros indivíduos, reforçando o caráter de trabalho como produção social. Sendo assim, podemos traçar um paralelo com o surgimento das casas de swing, no atendimento da satisfação sexual; num primeiro momento o indivíduo tem a necessidade de compartilhar sua vida com um(a) companheiro(a), depois surgem outras necessidades a partir desta, de manutenção do relacionamento e de formas de tornar este mais “movimentado” ou “dinâmico”, sendo a casa de swing - enquanto mercado - um *locus* de pagamento para acesso a outras pessoas que se identificam com a prática e para a realização de fantasias/ desejos.

Além de Marx, Elster também aponta o trabalho como fator de auto-realização, que se concretiza como algo superior ao consumo. Para este autor, no consumo o objetivo da atividade é alcançar a satisfação; já na auto-realização o objetivo é conseguir algo, e a satisfação não é objetivo imediato da atividade. Dessa forma, afirma que a auto-realização é superior ao consumo porque o mais alto valor dos humanos é a auto-estima, porém essa advém da estima em que é tida pelos outros; a realização ou produção de algo pelo qual alguém está disposto a pagar mostra que ela está sendo útil.

Elster considera que para uma atividade trazer auto-realização deve ter um objetivo externo, de complexidade adequada e ser um desafio que pode ser enfrentado. No caso estudado, o objetivo é a satisfação do desejo do outro, através do oferecimento de “serviços” que possibilitarão a realização do desejo: entrada e circulação nas dependências da casa, que funciona com uma mistura de opções ao seu público. Em termos arquiteturais possui espaços que se diversificam a partir das necessidades de cada um. Desde um espaço de interação e entretenimento com as mesmas características de uma boate tradicional: espaço para dança, bar, mesas e cadeiras confortáveis. Jogos de luzes que mudam e vão da iluminação para os momentos mais agitados até a penumbra. Além dessa estrutura, a semelhança com as casas de entretenimento já conhecidas fica por aí, pois é nos demais cômodos e na oferta dos outros serviços, que as casas de swing se diferenciam.

Ambientes com baixa luminosidade, corredores sem luminosidade onde o público pode circular sem ser identificado; quartos e suítes de tamanhos diversos, com camas, sofás e banheiros à disposição; “glory holes”, são cabines com pequenos espaços abertos estrategicamente nos genitais e em outras zonas erógenas do corpo; outros tipos de cabine para duas, três e quatro pessoas, que podem ser mantidas com as portas fechadas ou abertas, se assim os seus visitantes quiserem.

Todos esses espaços são de livre circulação, onde qualquer um pode entrar e sair à vontade. As casas de swing funcionam em um horário que vai entre às 21:00 horas como o momento do início das atividades, e o final da noite como o momento de término. Muitas vezes o limite é o raiar do sol, enquanto tiver público a casa continua aberta. O momento de agitação é após às 23:00 horas, período de maior concentração de pessoas. As noites de sábado geralmente são marcadas como o momento com maior concentração de pessoas, com um comparecimento em sua maioria, notadamente, de casais e mulheres solteiras.

Nesses diversos espaços pode-se observar alguns aspectos que movimentam financeiramente as casas e geram empregos: o consumo de bebidas no bar e objetos eróticos no *sex shop*, os quais demandam trabalhadores como garçonetes, seguranças, barmans, stripers e Djs.

Outro aspecto importante a ser considerado é o papel do trabalho na construção do sujeito, conforme aponta Costa. Relacionar trabalho e subjetividade é pensar na estruturação de uma sociabilidade atrelada ao trabalho. Por esse ângulo, o trabalho passa

a ser objeto de desejo e obrigação social: este integra e socializa o sujeito, traz vinculação social, constrói identidade, apresenta formas de dominação e resistência, e reafirma a dinâmica contraditória da economia de mercado.

Investigar as relações de trabalho em uma casa de swing traz consigo um conjunto de fatores que precisa ser verificado com cuidado. Da mesma forma que a auto-realização e o trabalho se articulam a processos subjetivos e à formação do caráter do homem, deve-se ter a cautela necessária em identificar de que formas isso está implicado quando se fala sobre o trabalho em estabelecimentos que envolvem o sexo. Como pensar as sexualidades dissidentes e o seu papel na formação das subjetividades e a sua vinculação ao trabalho nas relações contemporâneas pensando na interação e no envolvimento entre aspectos como o mundo do trabalho, dos afetos, dos interesses e dos desejos?

O que se verificou no estudo aqui apresentado, através da observação e das entrevistas que foram efetuadas, foi um envolvimento de todos que fazem parte do *staff* do estabelecimento. Da proprietária, ao *promoter*, chegando até à garçonete. Todos eles carregam nas suas falas o sentido de estarem inseridos no trabalho daquela casa; em suas roupas, na forma de se expressarem, todos eles deixam implícito o nível de envolvimento que cada um possui com o seu trabalho. Para muitos, um desejo, para outros, uma fantasia, um fetiche. Para os que trabalham com o swing, um pouco de tudo isso junto.

BIBLIOGRAFIA

BARTELL, Gilbert. **Amor em grupo**. São Paulo: Artenova, 1971.

COSTA, Cândida. **Nas malhas da instabilidade**: os trabalhadores públicos em um cenário de mudanças. São Luís: EDUFMA, 2008. p. 35-109.

DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo**. São Paulo: Zahar, 2010.

ELSTER, Jon. Auto-realização no trabalho e na política: a concepção marxista da boa vida. **Lua nova**. São Paulo, n. 25, p. 61-101, 1992.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1996.

LAZZARATO, Maurizio. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARX, K. **O capital**. v. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1988.